A humanização de Deus

como paradigma
cristológico em
José Maria Castillo

Glaucio Alberto Faria de Souza

SABER CRIATIVO

Sumário

AGRADECIMENTOS 9
ABREVIATURAS E SIGLAS 11
INTRODUÇÃO 13

PARTE I
Da Teologia Hermética à Teologia em Diálogo 17
1. Por uma Teologia relevante 19
1.1 Os desafios do mundo atual para a teologia 20
1.2 Por uma teologia Samaritana 35
1.3 A teologia pós-conciliar: da regulação ao pluralismo 67
Em resumo 84

PARTE II
Castillo — Vida e pensamento 87
2. Castillo: a Teologia como ato segundo 89
2.1 Perseguições 97
2.2 Teologia popular 99
2.3 As publicações 102
2.4 A teologia de Castillo 106
2.5 A humanização de Deus em José Maria Castillo 147
Em resumo 178

PARTE III

Humanização de Castillo e Humanismo de Francisco 181
3. Retornar ao Evangelho 185
3.1. Evangelho e humanização 196
3.2 Evangelho e a felicidade humana 199
3.3 Evangelho, paternidade de Deus e aspectos soteriológicos 207
3.4 O minimamente humano como paradigma de um novo humanismo 208
3.5 Humanismo integral e a dignidade humana 235
3.6 Humanismo em movimento 241
3.7 Humanização e eclesiologia 251
3.8 Direitos humanos e humanismo 275
Em resumo 281

CONCLUSÃO 285
REFERÊNCIAS 291

Para os meus queridos pais (*in memoriam*),
que sempre fizeram o melhor para que eu
tivesse uma boa formação acadêmica.
A minha amiga, parceira de jornada e esposa,
que está sempre ao lado dando força e incentivo.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Antonio Manzatto.

Aos amigos José María Castillo e Margarita O. Fernández (Marga).

Aos meus amigos de doutorado e funcionários (as) do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Abreviaturas e siglas

CDS	Compêndio de Doutrina Social da Igreja
CIC	Código de Direito Canônico
DAp	CELAM - Documento de Aparecida.
DCE	Carta Encíclica Deus *Caritas Est*
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023
DP	CELAM - Documento de Puebla
DV	Constituição dogmática *Dei Verbum* – sobre a revelação divina
DZ	Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral
EG	Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho
FT	Carta encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social
GS	Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje
LG	Constituição Dogmática *Lumem Gentium* sobre a Igreja
LS	Carta Encíclica *Laudato si'*: sobre o cuidado com a casa comum
MV	Bula *Misericordiae Vultus* – O Rosto da misericórdia
OA	Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*

Introdução

A presente obra, *A humanização de Deus como paradigma cristológico no pensamento de José Maria Castillo,* nasceu de minha percepção de que o cristianismo atual está majoritariamente limitado aos ambientes religiosos, restrito a ritos e distante das experiências fundamentais da vida humana. Esse distanciamento é, em si, uma das piores contradições para o cristianismo, na medida em que a fé cristã proclama que Jesus de Nazaré é, ao mesmo tempo e essencialmente, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ou seja, nele, unem-se o divino e o humano.

Em busca de respostas sobre como superar esse descompasso, encontrei na cristologia de José María Castillo um apoio valioso. O teólogo espanhol considera não ser mais suficiente destacar apenas os valores da religião, como antes; destaca ainda que o que se tem hoje é um modelo de práticas religiosas descompromissado com a vida e ineficaz para a configuração do crente à proposta de Jesus. Disposto a propor formas de superar esse distanciamento entre espiritualidade e vida, Castillo propõe o viés da encarnação, visto que não basta dizer que conhecemos a Deus por meio do humano; não é no homem que conhecemos a Deus, e sim em um homem concreto, em um homem determinado, que nasceu pobre, que viveu entre os pobres e morreu como um delinquente malfeitor.

Falar de humanização de Deus em cristologia é voltar às bases da afirmação cristã sobre a união de Deus com a humanidade, tendo como ponto de partida o mistério da Encarnação. Castillo coloca o tema da encarnação no centro da sua reflexão teológica por acreditar que, através dela, se dá uma profunda e verdadeira identificação de Deus com o ser humano. E mais, destaca que essa identificação de Jesus com os sofredores é profundamente inclusiva, pois não há ser humano que não sofra!

Este trabalho tem como hipótese o estudo da cristologia de José Maria Castillo a partir da chave hermenêutica do minimamente humano. O objetivo geral visa à análise do conceito teológico da humanização de Deus. Já os objetivos secundários exploram as consequências desta humanização a partir do conceito de minimamente humano, da sua carnalidade, da sua relação com a dimensão da ternura e da fenomenologia da vida, com a sua aproximação à proposta de um humanismo fraterno e com relação a uma espiritualidade cristã capaz de integrar fé e vida.

A primeira parte deste texto, *Da Teologia hermética à Teologia em diálogo,* aborda a necessidade de promover a aproximação da teologia ao contexto histórico atual, a partir do enfrentamento de dois importantes desafios. O primeiro refere-se ao contexto social que, com a sua lógica mercadológica, provoca o triunfo da economia sobre a política, reduz o ser humano à subjetividade, provoca o seu desinteresse pelas coisas comuns, dilui os elementos sociais e potencializa a subjetividade, demonstrada pela descrença nas instituições sociais e pelo baixo engajamento político.

O segundo refere-se a uma renovação da linguagem da própria teologia, uma linguagem capaz de integrar a proposta do Evangelho aos dilemas da contemporaneidade. Sobre a integração entre teologia e história, o trabalho apresenta uma visão sobre o processo de renovação da teologia católica no século XX por alguns dos nomes da

Nouvelle Théologie e, especialmente, a partir do diálogo com a cultura moderna protagonizado pelo Concílio Vaticano II, chamado de uma primavera inesperada.

A segunda parte, intitulada *Castillo – vida e pensamento,* relaciona algumas das experiências de vida do teólogo com a formulação do seu pensamento: a vida transcorrida em um ambiente de muitas carências materiais, o impacto da segunda Guerra Mundial e da Guerra Civil espanhola e duas experiências na Companhia de Jesus. De sua formação acadêmica, destaca-se o doutorado em Roma, iniciado poucas semanas antes da abertura do Concílio Vaticano II. Sua proximidade com grandes teólogos participantes do evento o levou a perceber a insuficiência/incapacidade do dogmatismo da Igreja para responder às demandas do mundo moderno e fez nascer um dos temas principais de sua reflexão: a grafia de Deus. Castillo entende que as representações feitas do Transcendente pela metafísica não correspondem à revelação de Jesus, daí a sua insistência em anunciar a grafia de Deus a partir da humanidade de Cristo, revisitando o tema da humanização de Deus por meio da chave hermenêutica do minimamente humano.

A terceira parte, *Humanização de Castillo e humanismo de Francisco*, estabelece um paralelo entre a teologia de Castillo e o humanismo proposto pelo Papa Francisco. Ambos propõem o retorno ao Evangelho – o primeiro, mais especificamente a partir da humanização de Deus, por meio do minimamente humano, para reassumir o humanismo de Jesus de Nazaré; e Francisco, ao sugerir uma conversão radical e decisiva da igreja às suas fontes, que não deverá ser confundida como uma simples adaptação aos dias de hoje, mas uma conversão com mais verdade e mais fidelidade em a Cristo, à sua mensagem e ao seu projeto humanizador do Reino de Deus. Castillo pertence ao coro dos teólogos (alguns citados neste trabalho) para quem o Reino de Deus é o centro da boa nova. O retorno ao

Evangelho visa recuperar o projeto humanizador do Reino de Deus, uma vez que a proposta do Evangelho não consiste apenas numa relação pessoal com Deus. O projeto de Jesus é instaurar o Reino do seu Pai, um reino de paz, de justiça, de igualdade, de solidariedade. E esta deve ser também a missão de uma Igreja que quer ser fiel aos seus ensinamentos.

PARTE I

Da Teologia Hermética à Teologia em Diálogo

1. Por uma Teologia relevante

O professor espanhol José Maria Castillo Sánchez, um dos mais proeminentes estudiosos de teologia da atualidade, passou boa parte dos seus 93 anos (nasceu em 16 de agosto de 1929) às voltas com um desafio que a Igreja Católica, a seu ver, há muito deixou de se preocupar: a aproximação da teologia à realidade histórica do homem. Polêmico, ele assegura que existe um descompasso entre o que faz a Igreja de Cristo na atualidade e o que pregam as Sagradas Escrituras e que o Evangelho não é apenas uma teoria, mas além disso – e sobretudo – um modo de vida.

Para Castillo, esse processo de aproximação da teologia com a realidade é urgente em razão justamente desse distanciamento entre a Igreja e o Evangelho[1]. Para que a teologia cumpra sua tarefa de dar respostas sobre o sentido da vida humana a partir do conhecimento de Deus revelado nas Escrituras, deverá ser capaz de acompanhar os sinais do tempo presente. Esta que pode ser considerada a questão

1 Castillo escreveu uma série de artigos eletrônicos que atestam esse distanciamento. Aqui me limito a destacar os três mais recentes: "*Com esta religião e explicação do Evangelho, para onde vamos?*" 20.08.2020); "*O maior erro da Igreja foi fundir e confundir a Religião com o Evangelho*" (07.01.2021); "*Nossos bispos acreditam mais na riqueza do que no Evangelho de Jesus Cristo*" (18.02.2021). Caso o leitor queira aprofundar-se nessa temática, consulte: https://www.religiondigital.org/teologia_sin_censura/.

mais significativa do pensamento do teólogo espanhol é tratada na primeira parte deste trabalho. Em seguida, são abordados os pressupostos teológicos que permitirão à teologia tornar-se relevante para a contemporaneidade, uma missão difícil, dada a complexidade pluricultural e diversificada da sociedade atual. Será apresentado um breve panorama da cultura pós-moderna, destacando os aspectos sociológicos e antropológicos que impactam a vida humana, lembrando que, na cultura pós-moderna, os discursos são interpretados a partir de um contexto regional, sem levar em conta sua relação de dependência com a universalidade, e isso abre espaço para uma diversidade de interpretações muitas vezes equivocadas e apartadas dessa mesma realidade.

1.1 Os desafios do mundo atual para a teologia

O mundo atual configura-se um verdadeiro desafio para todas as ciências, não apenas por suas rápidas e profundas transformações, mas por requerer respostas urgentes à diversos problemas, muitos dos quais de origem justamente nesse próprio dinamismo. Pela própria vocação, a teologia é convocada a fazer parte do conjunto de saberes capazes de se aproximar desta gama cada vez mais complexa de elementos culturais, sociais e políticos. "Só a partir deste diálogo com uma realidade em constante mutação, a teologia será capaz de fazer com que o Evangelho chegue aos corações das pessoas, às estruturas sociais e às diversas culturas." (DGAE, n. 41, p. 33).[2]

Se, por um lado, graças ao desenvolvimento da tecnologia e das ciências, nossa sociedade usufrui de uma série de benefícios e vantagens comparada às anteriores, por outro, princípios e valores elementares da pessoa humana ainda são tratados como marginais

2 Doravante o documento 109 da CNBB - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 será citada pela sigla – DGAE.

em muitas sociedades. Muitos são os autores que denunciam a violação de direitos individuais e coletivos mais básicos: direito à vida, garantia de acesso à saúde, transporte, moradia e segurança, igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres, livre manifestação de pensamento e de crença religiosa, etc.

A indiferença, o consumismo e o individualismo são algumas das marcas deletérias da sociedade pós-moderna. O surgimento da Pandemia do Corona vírus (SARS-CoV-2, causador do Covid-19), decretado em onze de março de 2020 (UNA-SUS, 2020), escancarou a vulnerabilidade e incapacidade do homem de enfrentar o desconhecido e deixou mais incognoscível o futuro da humanidade. Diante deste desafio são necessárias novas bases para a construção de um novo mundo pós-pandemia, capaz de romper com os diversos vírus que ameaçam a vida em sociedade, como o vírus da polarização, geradora de conflitos e inimizades, o vírus da indiferença, do racismo, da intolerância, entre muitos outros que ferem a dignidade e colocam vidas em risco.

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*[3], o Papa Francisco faz referência a um modo de vida desordenado (LS 101), identificado como uma dominação do paradigma cultural tecnocrático, nos diversos elementos da presente cultura. "Com efeito, a técnica tem a tendência de fazer com que nada fique fora da sua lógica férrea [...]. Reduzem-se assim a capacidade de decisão, a liberdade mais genuína e o espaço para a criatividade alternativa dos indivíduos." (LS 108).

Também a literatura laica aponta, por meio de denúncias sociais, os desafios a serem enfrentados, especialmente por quem tem o dever de garantir os direitos e deveres fundamentais do homem em sociedade. Em linha com o que diz o Papa Francisco, o clássico do escritor

3 Doravante a Carta Encíclica Laudato Si' será citada pela sigla – LS.

português José Saramago[4], *Ensaio sobre a Cegueira,* desnuda a realidade da sociedade moderna, por meio da alegoria da cegueira branca, ao apontar para a incapacidade do ser humano atual de estabelecer relações e aproximações com os seus pares. Saramago considera indispensável substituir essa maneira insensível de ver o mundo (representada alegoricamente por um manicômio e pela cegueira) por outras que aproximem as pessoas e produzam novos diálogos.

A cegueira descrita por Saramago representa uma das mais fortes condições do mundo moderno – a alienação – que pode bem ser considerada uma epidemia dos nossos dias. O autor adjetiva os seres humanos de forma alegórica, referenciando-os a certa animalidade – por exemplo, os motoristas são comparados a cavalos nervosos (SARAMAGO, 1995, p. 11). O primeiro contagiado da trama surge em um semáforo fechado, a partir deste ponto, a história deflagra uma expansão rápida da cegueira naquela comunidade, gerando dúvidas sobre o que seria aquele fenômeno já que, tecnicamente, a cegueira não se propaga de forma epidêmica.

> Com o tempo e a intimidade, as mulheres dos médicos acabam também por entender algo sobre a medicina, e esta, em tudo tão próxima do marido, aprendera o bastante para saber que a cegueira não se propaga pelo contágio, como uma epidemia, a cegueira não se pega só por olhar um cego [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 38)

Esta pesquisa também correlaciona livremente a cegueira epidêmica de Saramago ao conceito de cultura-mundo, de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, que identificam o modelo cultural vigente com o liberalismo econômico e suas consequências para a construção

4 Esta reflexão não pretende ser uma análise pormenorizada da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, pelo contrário, tem como objetivo ser uma exposição primária, em termos metafóricos, da denúncia social. A relação entre a obra literária do escritor português com o pensamento do pontífice argentino se faz pela constatação de que ambos denunciam uma cultura desumanizante.

do humano, particularmente a redução do humano a um único ponto de vista: o econômico. Sobre esse processo reducionista, o Documento de Aparecida declara: "A novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente são caracterizadas como fenômeno da globalização." (DAP 34).[5]

1.1.1 A cultura-mundo – o humano reduzido ao mercado

O avanço das tecnologias e das ciências em nada parece ter contribuído para a diminuição das desigualdades, a redução da pobreza e da violência, enfim, para o aumento da qualidade de vida e bem-estar de uma maneira mais democrática. Em razão de interesses macroeconômicos globais, direitos sociais fundamentais vêm sendo gravemente subvertidos em várias partes do mundo. Somem-se a isso a pouca credibilidade das instituições sociais e o baixo engajamento político, acentuadamente em regiões mais pobres. Para o sociólogo francês Alain Touraine (2006, p. 10), a globalização pode ser definida como "economia mundializada e instituições que não existem senão em níveis mais baixos, nacional, local ou regional, são incapazes de controlar as economias que agem em nível mais amplo".

A força onipresente do mercado econômico gesta um regime inédito de cultura, denominado cultura-mundo. Criado por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, o termo reitera a identificação do modelo cultural atual com o sistema econômico liberal, fomentando um mundo sem fronteiras para a atuação do capital: "Cultura-mundo significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e a universalização da cultura mercantil, apoderando-se das esferas

5 Doravante a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento de Aparecida* será citada pela sigla – DAP.